

**IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19 SOBRE O MUNDO
(CAPITALISTA) DO TRABALHO: UM OLHAR MARXISTA**

[IMPACTS OF THE COVID-19 PANDEMIC ON THE (CAPITALIST) WORLD OF WORK:
A MARXIST VIEW]

Antonio Dias

antionodias@cceca.uespi.br

<https://orcid.org/0000-0001-9229-8577>

Professor de Filosofia na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Mestre em Filosofia (UFC) e Doutor em Filosofia da Educação (UFPEL), com Doutorado Sanduíche pela Universidade de Lisboa. Membro do GT Ética e Cidadania da ANPOF; Coordenador do grupo de Pesquisa O Capital como Lógica da Sociedade (O-CALS - UESPI). Membro dos grupos de Pesquisa GEM (UFC) e FEPraxis (UFPEL).

DOI: [10.25244/tf.v16i1.5444](https://doi.org/10.25244/tf.v16i1.5444)

Recebido em: 21 de março de 2023. Aprovado em: 10 de maio de 2023

Caicó, ano 16, n. 1, 2023, p. 65-81
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v16i1.5444](https://doi.org/10.25244/tf.v16i1.5444)
Dossiê Ética e Cidadania



Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista

DIAS, Antonio

Resumo: Desde 2019 o mundo está sob os impactos da pandemia do COVID-19. Apesar de esse vírus ter causado mortes de milhões de pessoas, a lógica do Capital enxerga esse fato, sobretudo, como gênese da atual crise da economia mundial. Sobre isso, neste artigo, com apoio das ideias de Karl Marx, abordaremos os possíveis efeitos do Coronavírus sobre a lógica e os poderes do vigente e hegemônico modo de produção no mundo: o capitalista. A lógica do Capital, na perspectiva marxiana, é um conjunto de princípios, ideias, valores e práticas que fundamentam o Capital como poder onímodo gestor do pensar, do ser e fazer dos homens que vivem em sociedade. Esta condição do Capital implica opressão política, alienação intelectual e moral, e especialmente exploração econômica no mundo capitalista do trabalho. Elegemos este último aspecto como objetivo deste escrito. Iremos destacar, sob um viés filosófico marxista, o que entendemos ser os prováveis efeitos da crise causada pela Covid-19 sobre o trabalho regido pela lógica e poderes do Capital. É fato que essa lógica e tais poderes sofreram abalos causados pela crise do Coronavírus. Contudo, esses abalos geraram algumas fissuras? E estas, caos existam, têm potencial para desestabilizar a lógica e os poderes do Capital, ou este conseguirá metamorfosear-se para escapar incólume da crise e ainda se potencializar como poder ordenador da socialidade?

Palavras-chaves: Coronavírus. Lógica do Capital. Mundo do Trabalho. Marx.

Abstract: Since 2019, the world has been under the impacts of the COVID-19 pandemic. Despite this virus having caused the deaths of millions of people, the logic of Capital sees this fact, above all, as the genesis of the current crisis in the world economy. About this, in this article, with the support of Karl Marx's ideas, we will address the possible effects of the Coronavirus on the logic and powers of the current and hegemonic mode of production in the world: the capitalist. The logic of Capital, in the Marxian perspective, is a set of principles, ideas, values and practices that underlie Capital as the omnimode managerial power of thinking, being and doing of men who live in society. This condition of Capital implies political oppression, intellectual and moral alienation, and especially economic exploitation in the capitalist world of work. We chose this last aspect as the objective of this writing. We will highlight, under a Marxist philosophical bias, what we understand to be the likely effects of the crisis caused by Covid-19 on work governed by the logic and powers of Capital. It is a fact that this logic and such powers have been shaken by the Coronavirus crisis. However, did these shocks generate some fissures? And these, chaos exists, have the potential to destabilize the logic and powers of Capital, or will it be able to metamorphose itself to escape the crisis unscathed and still potentiate itself as an ordering power of sociality?

Keywords: Coronavirus. Logic of Capital. World of Work. Marx.

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista
DIAS, Antonio

1 INTRODUÇÃO

Uma das tarefas da Filosofia de Karl Marx é criticar a necessidade que a lógica do Capital tem de existir e se potencializar como força genética organizadora da vida em sociedade. Essa lógica do Capital, por meio de seus agentes e poderes, foi configurada e consolidada ao longo dos tempos, para impor e controlar as práticas educacionais, o ser e fazer político, o conteúdo de leis e, sobretudo, as atividades econômicas e o mundo do trabalho. Ocorreu que este último, sofreu um atentado causado pela pandemia do Corona Vírus Disease (COVID-19). Tal atentado atingiu, em alguma medida, o *modus operandi* do Capital na medida em que deste exigiu, no contexto da pandemia, um novo *modus vivendi* dos trabalhadores, isto é, dos operadores do mundo do trabalho regido pelo Capital. Isto considerado, perguntamos: quais são os significados da crise do Coronavírus para o mundo do trabalho dirigido pela lógica e poder do Capital?

Para responder a essa questão recorremos ao pensamento filosófico-dialético de Karl Marx. Na primeira parte do nosso texto, apresentamos, com Marx, sobre a lógica do Capital e quais poderes essa lógica mobiliza para se efetivar como gestor da sociabilidade; e destacamos que tal empreendimento exige o domínio sobre as condições de trabalho, bem como sobre os trabalhadores, que são os verdadeiros produtores das riquezas. No segundo momento argumentaremos para dizer que o avanço do Coronavírus causou fissuras ao Capital por desacelerar o mundo do trabalho. E em face disso surge a questão: quais são (e/ou serão) as consequências das fissuras que a crise gerada pela pandemia do Coronavírus causou nas estruturas da lógica e poderes do Capital? Essas fissuras terão suficiente capacidade para fragilizar a condição do Capital de funcionar como fundamento do mundo da vida dos homens?

Ao leitor, alertamos que: 1) este trabalho, de caráter ensaístico, tem como propósito geral, provocar debates sobre o tema das “crises” que atingem o modo de produção capitalista, como a atual, causada pela pandemia do Coronavírus. 2) e que em razão da incipiência dos estudos sobre essa temática, nossa discussão considerará informações publicadas em artigos e/ou veiculadas pela imprensa em geral, cotejando-as com o pensamento filosófico-econômico-político de Marx.

2 CRÍTICAS DE MARX À LÓGICA E AOS PODERES DO CAPITAL ENQUANTO DETERMINANTES DA RELAÇÃO SOCIAL TRABALHO *VERSUS* CAPITAL

Abordaremos sobre o significado da lógica e dos poderes do Capital — que dominam a ordem econômica mundial — como determinantes da relação social Trabalho versus Capital, segundo o pensamento de Karl Marx. Isto implica assumir e partir do princípio de que a realidade material, aonde se dão as relações Trabalho/Capital, é um processo histórico, ou seja, um movimento material-dialético. Sendo assim, é falso pensar o capitalismo, o vigente modo de produção, como a forma perfeita e final de existir do Capital. A lógica e os poderes do Capital se mantêm e se fortalecem em função de condições materiais históricas: dialéticas. Tal lógica e tais poderes são partes da realidade, do movimento da realidade e, por essa razão, são sempre transformáveis. Entretanto, é fato que os sustentáculos do Capital possuem raízes difíceis de serem removidas, o que causa a impressão que são fenômenos naturais indestrutíveis.

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista

DIAS, Antonio

Marx começou a se interessar pelos problemas materiais¹ (da economia, da política e da sociabilidade) por volta de 1842. Naquela ocasião, julgou-se sem saberes necessários para participar dos debates sobre “as questões materiais”. Uma dessas “questões” era um problema econômico-político-social, a saber: a negativa, por parte do poder estatal prussiano, do direito dos indivíduos pobres para coletarem, sem pagar tributos, a lenha seca caída das árvores nas florestas para acenderem lareiras no período do Inverno.² Diante desse imbróglio o Estado prussiano posicionou-se contrário ao pleito dos coletores pobres. Em razão desse fato, Marx convenceu-se de que os poderes estatais objetivos refutavam a tese de Hegel de que o Estado é a esfera da eticidade, da realização da liberdade e dos interesses universais de todos³; que o Estado é, no dizer de Chagas (1998), uma “comunidade ilusória”.

Decidido a intervir intelectualmente, Marx encetou esforços visando se apoderar de referenciais teórico-metodológicos que lhe habilitasse a participar pertinentemente das discussões econômicas, políticas e sociais. Parte das primeiras críticas de Marx sobre “as questões materiais” foram expostas na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*⁴, e ajudaram a fundamentar as críticas à economia-política clássica (burguesa), que Marx expôs nos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, obra que se pode considerar o primeiro experimento de Marx com o intuito de desvelar a lógica do Capital.

Afinal, o que é isso — a lógica Capital? E quais são os poderes que o Capital detêm e utiliza para se realizar e se preservar como lógica da organização da vida social? As respostas a essas questões requerem prévia compreensão ontoepistemológica do que é o Capital.

Semanticamente falando, “o Capital” significa “o principal”, “o primeiro”, “a cabeça”.⁵ Contudo, “o desenvolvimento exato do conceito de **capital** é necessário, porque [ele] é o conceito fundamental da Economia moderna, da mesma maneira que o próprio capital [...] é o fundamento da sociedade burguesa” (MARX, 2011, p. 261). Em razão disso, Marx assume a tarefa de desenvolver essa temática em seus escritos⁶.

Em sentido **ontoepistemológico**, diz Marx (MARX, 2011, p. 60), “o Capital [*Das Kapital*] é a potência econômica da sociedade burguesa que tudo domina. Tem de constituir tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada” para se edificar como poder eficiente e suficiente, ordenador de tudo e de todos. Todavia, observa Marx (2011, p. 242), “economistas, p. ex., Ricardo, Sismondi e outros, [...] concebem o Capital [...] unicamente em sua substância material, [como] matéria-prima etc. Mas esses elementos materiais não convertem o capital em capital”. Para esta conversão é

¹ Em um relato autobiográfico de 1859, escrito para prefaciar a obra *Para a Crítica da Economia Política*, Marx lembrou o contexto histórico em que iniciou sua trajetória na direção de formatar o “novo materialismo” — que, doravante, seria a base teórico-metodológica de toda sua Filosofia dialética. Ele escreveu: “no ano de 1842-43, como redator da *Rheinische Zeitung*, vi-me pela primeira vez perante a dificuldade de ter também de dizer alguma coisa sobre o que se designa por ‘interesses materiais’” (MARX, 1982b, p. 529, grifos nossos). O conteúdo desses “interesses materiais” eram os “os debates [...] sobre o roubo de lenha e parcelamento da propriedade fundiária [...], a situação dos camponeses do [vale do] Mosela, as discussões sobre livre cambismo e tarifas alfandegárias protecionistas” (MARX, 1982b, p. 530).

² Dobre essa temática, confira: MARX, Karl. Debates sobre a Lei referente ao furto de madeira. In: MARX, Karl. *Os despossuídos*. Tradução Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2017.

³ Hegel defende essas teses em seu livro *Princípios da Filosofia do Direito*.

⁴ Também reconhecidos como *Manuscritos de Kreuznach*, ou *Manuscritos de 1843*.

⁵ O vocábulo “Capital” nos reporta a dois termos do idioma latim: à palavra “*capitale*”, que significa “o principal, o primeiro”; e ao termo “*caput*”, que quer dizer “a cabeça”.

⁶ Segundo Flickinger, Marx assume essa tarefa, por exemplo, “nos *Grundrisse*, onde se encontra a lógica pura do capital” (FLICKINGER, 1986 p. 132). Nessa obra, “o ponto de interesse de Marx são as categorias da economia burguesa e não os fatos econômicos como tal, quer dizer, o sistema esboçado deveria reconstruir e recompor a rede lógica da interdependência das categorias da economia usadas pelos economistas burgueses de seu tempo” (FLICKINGER, 1986 p. 107).

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista

DIAS, Antonio

requerida a força de trabalho. Ademais, os economistas não compreendem que “o *capital em geral* [é] síntese de [múltiplas] determinações (Bestimmungen)”, e então só o percebem como “valor ou dinheiro” (MARX (2011, p. 243). Não depreendem que “o capital é um produto coletivo (gemeinschaftliches Produkt) e só pode ser posto em movimento pelos esforços combinados [coletivamente] de muitos membros [trabalhadores] da sociedade. O capital é um [...] poder social (gesellschaftliche Macht)” (MARX, 1998, p. 52) porque *deriva* de relações sociais. Portanto, *ontologicamente*, o Capital é composto de relações e práticas sociais de produção. O Capital é um produto e não a causa das relações entre os homens.

O *Capital* é uma relação social de produção. *É uma relação burguesa de produção*, uma relação de produção da sociedade burguesa. Os meios de subsistência, os instrumentos de trabalho, as matérias-primas de que se compõe o capital — não foram eles produzidos e acumulados em dadas condições sociais, em determinadas relações sociais [de trabalho]? [...]. O capital não consiste só de meios de subsistência, instrumentos de trabalho e matérias-primas, não consiste só de produtos materiais; consiste em igual medida de *valores de troca*. Todos os produtos de que consiste são *mercadorias*. O capital não é só, portanto, uma soma de produtos materiais, é uma soma de mercadorias, de valores de troca, de *grandezas sociais* (MARX, 1982, p. 161-162, grifos do Autor).

Que o Capital é “uma soma de valores de troca, de grandezas sociais”, isto decorre do fato de os homens existirem como seres que interagem pelo trabalho para produzir. Porém, sob a égide da lógica do Capital, o trabalho coletivo, social, não é admitido como fonte das riquezas, de capitais, e, então, “a riqueza das sociedades nas quais domina o modo de produção capitalista aparece como [se fosse só] um imenso acúmulo de mercadorias” (MARX, 1990, p. 45). As relações sociais de trabalho, pelas quais os homens produzem mercadorias, são alcunhadas de relações meramente econômicas, como se a economia pudesse existir independentemente das relações sociais e, pior, como se fosse matriz das relações sociais.

Para “aparecer” apenas como um “acúmulo de mercadorias”, porém, o Capital deve suprimir ou mascarar as relações sociais de trabalho exigíveis à produção de mercadorias. Para se preservar e se fortalecer, o Capital necessita que tudo seja visto sob a tutela da lógica mercantil, segundo a qual tudo e todos são mercadorias. Nesta perspectiva, os trabalhadores, os processos produtivos, a produção etc., tudo é mercadoria-final ou mercadoria-meio (produtora de outras mercadorias). Na prática, isto desvaloriza⁷ a condição humana e, mesmo inviabiliza a tematização crítica das relações sociais, das desigualdades entre os seres humanos.

Enfim: o Capital é um conceito/categoria explicativa dos caracteres e funcionamento sociopolíticos, econômicos, etc., do mundo capitalista, cujos fundamentos são: trabalho assalariado, propriedade privada do tipo burguesa, liberdade de comércio, produção de mercadorias, acumulação de riquezas, etc. O Capital, todavia, necessita transpor o limite epistêmico para plasmar-se como fonte *ôntica* (genética) do Ser social, como princípio ordenador da *práxis* social (econômica, política, educacional etc.). O Capital busca superar sua condição conceitual (abstrata) para se firmar como fundamento *ontopistemológico* das relações e práticas sociais, políticas, econômicas entre o Eu e o Outro no Mundo. Essa unidade entre o ontológico e o epistemológico,

⁷ Desvaloriza porque: explora economicamente, oprime politicamente e aliena intelectualmente.

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista

DIAS, Antonio

esse movimento para se realizar no campo teórico-prático, eis o que denominamos como lógica do Capital.

A *lógica do Capital* é, pois, um conjunto de axiomas, ideias, valores (éticos, políticos, estéticos), práticas, condições e estratégias objetivas, que se pretendem como bases legítimas, verdadeiras e irrefutáveis das condições matrizes dos modos históricos de existência das forças/poderes do Capital. Essa força/poder impõe caminhos (antidemocráticos, não solidários, destrutivos da Natureza e, portanto, das condições da vida humana) para o desenvolvimento da economia, utilizando-se do poder financeiro, político e jurídico, etc., tendo em vista a produção e potencialização de riquezas e misérias, distribuídas respectivamente, para os donos dos meios de produção e para os trabalhadores.

Os **poderes do Capital** são, pois, o conjunto de estratégias, meios e ações que o Capital mobiliza para concretizar-se como saber, leis, valores e práticas (políticas, econômicas, educacionais) para se solidificar como fonte dos princípios determinantes da vida em sociedade. Assim, por exemplo, os clássicos poderes do Estado (executivo, legislativo e judiciário), bem como o dinheiro, a posse privada dos meios de produção, são poderes do Capital.

A meta principal da lógica do Capital é se estabelecer, mediante seus poderes, como lógica da vida em sociedade, porque tal é a condição para o Capital existir e prosperar como poder hegemônico (DIAS, 2016). A busca por esse êxito é o que se pode nomear de era do **capitalcentrismo**. “Enquanto vivermos em formações sociais em que é dominante o modo de produção capitalista, é o *capital* a categoria que opera a síntese social” (OLIVEIRA, 2004, p. 145). Para a grandeza do Capital, sua lógica e seus poderes operam o capitalismo que erige, de um lado, a mercadoria e, a partir desta, o dinheiro, a propriedade privada, o trabalho miseravelmente assalariado, a acumulação de riquezas, o mercado, etc. Do outro lado, aniquila condições da vida social salutar tais como: liberdade humana, condições à igualdade social, trabalho como formação humano-social, Educação para a emancipação humana.

Para efetivar seus interesses e necessidades uma particularidade da lógica do Capital é moldar, ou, enquanto isto não for possível, adaptar-se ao que existe como real. Foi exercendo essa diretriz que o modo de produção capitalista construiu seu curso histórico no qual subsistiu em diversas formas⁸. Sob as determinações dos interesses capitalistas,

o processo de trabalho é convertido em instrumento do processo de valorização do [...] capital: da criação de mais-valia [valor]. O processo de trabalho subsume-se no capital (é o processo do *próprio* capital), e o capitalista entra nele [no processo] como dirigente, guia; para este é ao mesmo tempo, de maneira direta, um processo de exploração do trabalho alheio (MARX, 1985, p. 87).

Os “senhores” capitalistas, os seres que personificam a lógica/poderes do Capital, escravizam os trabalhadores.⁹ Sob os ditames da lógica/poderes do Capital, “o operário [‘o Escravo’] não produz para si, mas para o capital[ista: ‘o Senhor’]” (MARX, 1992, p. 578). Os

⁸ “O ‘Capital’ é uma categoria histórica dinâmica e a força social a ela correspondente aparece — na forma de capital ‘monetário’, ‘mercantil’ etc. — vários séculos antes de a formação social do *Capitalismo* enquanto tal emergir e se consolidar. De fato, Marx estava interessado em apreender as especificidades históricas das várias formas do capital e suas transições de uma a outra, até que finalmente o *Capital Industrial* se torne a força dominante do metabolismo socioeconômico e objetivamente defina a fase clássica da formação capitalista” (MÉSZÁROS, 2011, p. 1064).

⁹ Nesse ponto, faço uma alusão explícita, ainda que genérica, à clássica passagem em que Hegel, na sua obra *Fenomenologia do Espírito*, refere-se “à dialética do Senhor e do Escravo”.

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista

DIAS, Antonio

trabalhadores, porque não possuem meios próprios para (re)produzirem as condições de suas vidas, vendem sua força de trabalho aos donos dos meios de produção, a quem ficam alienados e por quem são explorados e oprimidos. Desse modo, perdem a condição de trabalhar para a sua formação humano-social, não dispõem de tempo para o lazer e o pensar. Em suma: para o trabalhador, o seu trabalho deixa de ser um meio de libertação e emancipação humana; já para o capitalista, o trabalho se consolida como instrumento exploração gerador de riquezas.

Consoante Marx (1990, p. 194), “por força ou faculdade de trabalho entendemos o complexo das capacidades **físicas e espirituais** que existem na corporalidade, na personalidade viva de um homem, e que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer espécie”. Noutros termos: trabalho é a atividade por meio da qual os homens empregam, em maior ou menor grau de intensidade e em virtude de determinados objetivos, labor físico-intelectual-espiritual para idealizar, projetar, executar e avaliar práticas (docentes, industriais, comerciais etc.) que supram carências e propiciem gozos. Nestes termos, o Trabalho é um decisivo meio viabilizador de condições para a vida social saudável. Porém, sob a égide da lógica/poderes do Capital, o Trabalho produz condições degradantes e até impeditivas da condição humana. Isto porque “o trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria* [como um objeto], e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral” (MARX, 2004, p. 80). Sob as determinações da lógica do Capital, “o Trabalho, a *atividade vital*, a *vida produtiva* mesma aparece ao homem apenas como um *meio* para a satisfação de uma carência, a necessidade de manutenção da existência física. [...]. A própria vida assemelha-se somente a um *meio de vida*” (MARX, 2004, p. 84-85).

O fato é que o Capital é tão dependente do Trabalho a ponto de “matá-lo”: “o capital é trabalho morto que apenas se anima, à maneira de um vampiro, pela sucção de trabalho vivo, e que vive tanto mais quanto mais dele sugar” (MARX, 1990, p. 264). O Capital demanda um *quantum* de força de trabalho e ignora a essencialidade dessa força para a qualificação dos homens como seres humanos. “O capital *emprega* o trabalho. Já esta relação é, na sua simplicidade, personificação das coisas e coisificação das pessoas” (MARX, 1985, p. 126). E “a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens” (MARX, 2004, p. 80). O Capital, enfim, *mata* o trabalhador, isto é, aquele que produz as riquezas do mundo capitalista.

“Quando se fala de trabalho, está-se tratando, imediatamente, do próprio homem [do trabalhador]” (MARX, 2004a, p. 89). Isto porque o Trabalho é atividade constituinte das condições e da formação dos indivíduos como seres humanos. No entanto, o Capital intervém mediante seus poderes nesse processo formativo; e o faz para converter o trabalho livre e instituinte da condição humana em forças quantitativas de trabalho a serviço das ações constituintes e potencializadoras do modo de produção capitalista. Neste, os meios de produção têm donos, são privados e, por conseguinte, o processo e os frutos do trabalho não pertencem ao trabalhador, mas, sim, ao capitalista. Assim, ao trabalhar, o indivíduo

nega-se [...], não desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua *physis* e arruína o seu espírito. O trabalhador só se sente [...] junto a si quando fora do trabalho e fora de si quando no trabalho. [...]. O seu trabalho [...] é *trabalho forçado, obrigatório*. Por isso, o trabalho não é a satisfação de uma carência [para se obter a condição humana], mas somente um *meio* para satisfazer necessidades fora dele. [...]. O [fruto] do trabalho aparece para o trabalhador como se o trabalho não lhe pertencesse, mas pertencesse a outro [= ao capitalista] (MARX, 2004, p. 82-83).

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista

DIAS, Antonio

Por esse caminho, a concretude da lógica do Capital afeta a finalidade ontológica do trabalho ao lhe retirar a condição de meio (re)produtor da vida social, rebaixando-o à condição de instrumento (re)produtor de mercadorias. Portanto, transforma um fim qualitativo e ontologicamente formativo do Homem como ser humano em meio quantitativo para a produção e conquista do “ter”; e esse ter se efetiva pela degradação das relações sociais, morais, políticas.

Mas as condições da vida humano-social, para o Capital, são aquelas em que os homens estão aptos ao “trabalho produtivo”. E conforme a lógica do Capital, “é *produtivo* o trabalhador que executa um *trabalho produtivo* e é *produtivo* o *trabalho* que gera diretamente mais-valia [valor], isto é, que *valoriza* [confere lucros] o capital” (MARX, 1985, p. 109). Para que isso persista, os poderes do Estado e o dinheiro, que são agentes do Capital¹⁰ têm agido para configurar (legalizar, estimular) o Trabalho como fator estruturante da longevidade do Capital. Esses agentes sustentam a tese de que “o capital é o *poder de governo* sobre o Trabalho e os seus produtos” (MARX, 2004, p. 40); e atuam para que “todas as *forças produtivas sociais do trabalho* se apresentem como *forças produtivas do capital* [...]” (MARX, 1985, p. 124), “forças” estas entendidas como propriedade privada da burguesia.

O que aconteceu fortemente durante a crise provocada pelo COVID-19 foi que o chamado “distanciamento físico-social”, o “fique em casa”, de início, provocou o *não-trabalho*, o *trabalho parcial*. Isto fez cair a produção, o consumo, os lucros e forçou o Capital a se metamorfosear para implementar novos instrumentos de produção para que o Trabalho cumprisse o destino exigido pela lógica do Capital. Esse processo de metamorfose implicou criar e potencializar o uso de recursos tecnológicos, por exemplo, para manter, mesmo durante o auge da pandemia, a exploração do trabalho e uma maior produtividade. Afinal, é fundamento da lógica do Capital impor que o “operário viva somente para aumentar o capital e só viva na medida em que o exijam os interesses da classe dominante” (MARX, 1998, p. 53). O Coronavírus, na medida em que feriu essa lógica do Capital tornou-se causa de inquietudes dos governantes, banqueiros, rentistas das bolsas de valores, empresários, etc.

Enfim, cabe destacar que a lógica do Capital objetiva fazer com que poucos se apropriem do trabalho de muitos. Além disso, ela busca transformar-se em uma lei da socialidade: converter interesses e práticas próprias do modo de produção capitalista e da propriedade privada do tipo burguesa em leis universais da Natureza e da Razão. Todavia, o fato é que o Capital nasce em virtude das relações sociais, que são dialéticas, e como tais se desenvolvem. Essa natureza “dialética”, porém, o Capital deve negá-la caso queira se estabelecer como lei natural, racional e inexorável da realidade: das Coisas, do Eu, do Outro e do Mundo. Contudo, os movimentos que o Capital faz visando mascarar sua gênese dialética não lhe subtrai a condição de produto dialético das condições e relações sociais.

3 CRISE DO CORONAVÍRUS: ABALOS E FISSURAS NAS ESTRUTURAS DA LÓGICA E DOS PODERES DO CAPITAL?

Necessário destacar, preventivamente, que, do ponto de vista do entendimento histórico-filosófico, os significados da crise gerada pela ainda vigente pandemia do Coronavírus não estão dados em sua plenitude e, por essa razão, carecem de mais análises para serem adequadamente compreendidos. Esta condição se aplica ao nosso propósito de buscar entender os possíveis impactos (fissuras, abalos) na estrutura lógica e nos poderes do Capital causados pelos efeitos

¹⁰ No *Manifesto do Partido Comunista*, Marx afirma que “o Estado moderno [burguês] não é senão um comitê para gerir os negócios comuns da classe burguesa” (MARX, 1998, p. 42).

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista

DIAS, Antonio

sociopolíticos e econômicos decorrentes da pandemia do COVID-19. Essa situação nos força escrever este texto na forma de um Ensaio, tomando como fonte de pesquisas minha condição de leitor que “ficou em casa” interagindo com informações de publicações em veículos de comunicação em geral. A partir disso, irei discorrer sobre nossa temática tomando como critério de avaliação as ideias do pensamento filosófico (econômico-político) de Marx.

Entre os efeitos da crise causada pela pandemia do COVID-19, destacamos dois: **1)** o não exercício ou exercício parcial do trabalho durante a pandemia; **2)** essa situação forçou o Estado a agir como gestor desta situação, ou seja, como gerente dos interesses do Capital. No primeiro caso, a preocupação com o trabalho se explica por ser ele o meio social (humano) materializador da vida do Capital. A ação do Estado se explica pelo fato de ser este um poder do Capital que opera, em tempos de “anormalidades” (crises do Capital), caso do período pandêmico, para tentar livrar a lógica e os poderes do Capital de serem culpados pelas desigualdades sociais, ou condenados como fatores destrutivos da Natureza, fenômeno este, por sinal, que é uma possível causa do surgimento do COVID-19.

No final da seção anterior afirmamos que o Capital (sua lógica e poder) não é imune à dialeticidade do mundo material. Esta condição nos impele a formular as seguintes questões: em razão do caráter dialético da realidade, qual o significado da crise da pandemia do COVID-19 para o Capital? Eventuais abalos socioeconômicos, gerados pela COVID-19, causarão fissuras capazes de desestruturar a vida (lógica e poderes) do Capital?

O trabalho, indubitavelmente, é essencial à estruturação, desenvolvimento e potencialização do modo de produção capitalista. E é fato que a crise do Coronavírus, em seu auge, impediu o pleno funcionamento do mesmo. Se não há trabalho, então não haverá lucros e acumulação de riquezas; e, por extensão, a existência do Capital na condição de lógica da vida em sociedade é ameaçada. Quando não realizado de acordo com os interesses capitalistas, o trabalho é fonte de desequilíbrios para a vida do Capital. Nosso desafio é dimensionar e expor, aqui, quase que profeticamente, sobre disso. E nossa resposta geral à questão há pouco apresentada é que: **a crise econômica gerada pela pandemia COVID-19 certamente afetou, abalou, e até, quiçá, pode ter causado algumas fissuras, mas não feriu de morte a lógica e os poderes do Capital.**

Quais são (serão), pois, os possíveis abalos e/ou fissuras decorrentes do “ataque” da pandemia do Coronavírus à lógica e aos poderes do Capital? Proponho as seguintes respostas hipotéticas: **1)** a crise gerada pela pandemia do COVID-19 evidenciou a discussão sobre a tarefa que tem a burguesia de fazer a conciliação da relação historicamente antagônica entre a vida do trabalhador e a vida do Capital. **2):** este conflito foi posto em destaque durante a pandemia na medida em que a riqueza do capitalista apareceu como de fato é: fruto da exploração da mão de obra dos trabalhadores. **3):** a pandemia comprometeu pôs em risco a vida do trabalhador, e isso desacelerou a economia capitalista. **4):** para salvaguardar a vida do Capital o Estado foi forçado a agir como “pronto-socorro”: auxiliando financeiramente capitalistas e trabalhadores. **5):** essa intervenção estatal implicou aceitar a reformulada tese neoliberal do Estado mínimo, a saber: a tese de que os neoliberais defendem o Estado mínimo, para os trabalhadores, e o Estado macro para o capitalistas. O Estado, enfim, mostrou-se como é: poder executivo a serviço da burguesia (MARX, 1998). **6):** a ação estatal propiciou fôlego para o Capital seguir, doravante, cada vez experimentando processos de reglobalização e/ou de desglobalização. **7):** em quaisquer desses casos, os capitalistas seguirão com seu caráter ganancioso para explorar a Natureza; e esta, por sua vez, como tem feito, defender-se “atacando”, por vezes de modo trágico. **8):** sendo ou a pandemia uma forma de defesa da Natureza, fato é que, ao Capital, interessa manter o controle do mundo do trabalho, e pouco interessa se isto requer a “volta à (dita) normalidade” ou o advento de um “novo normal”. A seguir, apresentamos mais ideias e argumentos sobre esses pontos supracitados.

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista
DIAS, Antonio

a) Vida do trabalhador versus vida do Capital: uma relação historicamente irreconciliável

Marx e Engels, no Manifesto do Partido Comunista, afirmam que a revolução desencadeada pela burguesia consiste em se apoderar do modo de produção da vida social. Na prática, isto implica: 1) dispor de todas as forças de trabalho para suprir os interesses da burguesia; 2) transformar em “leis eternas da Natureza e da razão as relações sociais oriundas do modo de produção e de propriedade burguesa” (MARX, 1998, p). Os donos dos meios de produção prefixam e se apropriam, pela exploração, opressão e alienação, do trabalho dos indivíduos não proprietários. Assim, “a burguesia cria um mundo à sua imagem e semelhança” (MARX, 1998, p. 44), isto é, um mundo configurado e regido pela lógica do Capital.

Nos *Grundrisse*, assim como no *O Capital*, Marx critica o fato de a lógica do Capital qualificar o trabalhador usando unicamente critérios **quantitativos**. Por exemplo: ao atestar que “o indivíduo só tem existência social [qualitativa] como produtor de valor [quantitativo] de troca” (MARX, 2011, p. 190). A condição para que o homem exista como ser social é funcionar como força de trabalho produtora de mercadorias que tenham alto “valor de troca” (venda) no mercado. Sendo assim, “[...] todas as *forças produtivas sociais do trabalho* se apresentam [meras] como *forças produtivas do capital*, como propriedades intrínsecas do mesmo [...]” (MARX, 1985, p. 124). As “forças sociais do trabalho”, isto é, os trabalhadores, seriam apenas forças intrínsecas e constitutivas do trabalho tendo em vista gerar a grandeza do mundo capitalista. E sendo assim não haveria antagonismos entre Trabalho e Capital.

O problema é que os trabalhadores, os sujeitos construtores do mundo como espaço-tempo dos interesses dos capitalistas, estão excluídos do grupo que usufrui das riquezas produzidas pelo trabalho. Para minimizar esta situação, o **espírito capitalista** até tem proclamado discursos de inclusão. O Capital, aparentemente, inclui; todavia, em termos fáticos, a lógica capitalista se utiliza dos seus poderes, por exemplo por meio do Estado, bem como da necessidade que os homens têm de trabalhar para sobreviver, para forjar e desenvolver uma sociabilidade cuja regra é a prática da **exclusão**¹¹. A exclusão se inicia pela admissão do Capital como a cabeça do poder, hierarquicamente, decisor.¹² Nesta condição, o Capital determina qual e como será a formação do trabalhador; seleciona os saberes compartimentados para formação especializada; gerencia os meios (máquinas, processos etc.) de produção e a produção mesma; fixa o “valor de troca” e o “valor de uso” das mercadorias e sua durabilidade; decide sobre a divisão e o tempo de trabalho, bem como sobre o valor dos salários, etc.

Toda essa problemática ressurge, ainda que não tenha sido tematizada no contexto da pandemia do Coronavírus, fazendo emergir a problemática vida do Capital *versus* vida do Trabalhador. E o ponto da discórdia é sobre a essencialidade do trabalho. De um lado, o trabalho é necessário como meio de desenvolvimento da vida humano-social; por outro lado, o trabalho é expropriado de quem o realiza para, então, servir como base da existência do Capital. Esse conflito é desigual porque o Capital detém o poder de determinar que o trabalho seja, por um lado, a fonte da riqueza da burguesia e, por outro lado, gere a pobreza dos trabalhadores. Assim sendo, não há espaços para o trabalho como atividade formativa das condições da vida humana — da igualdade social, da liberdade humana, etc. —, mas apenas do trabalho como labor depreciador dessas condições.

¹¹ Sobre o tema da exclusão, segundo o pensamento de Marx, sugiro a leitura de Oliveira, 2002.

¹² “A ordem social [advinda] do capital é estruturada de um modo profundamente iníquo e não poderia em absoluto funcionar de outra forma. Por sua própria natureza, o capital deve sempre reter para si todo o poder significativo de decisão, desde as menores células constitutivas do sistema até os mais altos níveis de controle societário geral” (MÉSZÁROS, 2007, p 232).

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista

DIAS, Antonio

Enfim, à burguesia interessa conciliar Trabalho e Capital. E a regra por eles estabelecida prescreve que se continue a explorar o trabalho alheio, mas sem matar os trabalhadores. E essa condição, os olhos dos capitalistas, ironicamente, é um avanço porque significa superar a etapa selvagem do capitalismo.

b) O Capital é dependente: não há riquezas e tampouco trabalho sem trabalhadores

Observamos, sob a ótica marxista, que, durante o auge da pandemia, a riqueza do capitalista apareceu como de fato é: como um fruto do trabalho explorado e mortificante. Isto significa que o conflito Trabalho versus Capital não será pacificado pelo fato de a vida deste matar as condições da vida humano-social dos trabalhadores. Os capitalistas, aqueles que personificam o Capital, (banqueiros, empresários, industriais, rentistas, etc.) não podem prescindir do trabalho dos seus empregados. A condição para que poucos sejam ricos é que muitos sejam pobres; o trabalho destes alimenta o deleite daqueles. O sucesso do Capital depende, pois, de os trabalhadores efetivamente utilizarem suas energias espirituais e físicas em favor dos objetivos egoístas dos proprietários privados dos meios de produção. O Capital é dependente das forças de trabalho; este é *conditio sine qua non* para a efetividade da lógica/poderes do Capital como princípio, universal e necessário, da vida em sociedade.

Apesar de ser um produto do Trabalho o Capital é intolerante, o que o induz a ser um ditador. “O Capital [...] não tolera absolutamente nada acima de si” (MÉSZÁROS p. 2011, 124). Para ele, o trabalho deve existir para cumprir, primeiramente, a condição de sustentáculo do Capital. Assim, na sociedade gerida pela lógica e poderes do Capital, a condição do “Homem como o *ser social*” (MARX, 2004, p. 107), como “animal político” (Aristóteles), é subordinada ao Capital porque este **necessita** ter o pleno controle do Ser sociopolítico. A longevidade do Capital depende do fato de Ele limitar as condições humano-sociais. Por essa razão, o Capital precisa aliciar e subjugar os trabalhadores de tal modo e proporção que a estes reste somente a opção de “trabalhar” em prol do interesse capitalista. Por essas vias, a concretude do Capital gera condições e circunstâncias antissociais.

O Capital, todavia, busca escamotear sua dependência do trabalho. Faz isso buscando aparecer como produtor do trabalho, e não o contrário. Nesta direção, Ele se apresenta como lei da História, como um ente que possui “mãos invisíveis”, como Deus na Terra, como lei da Natureza. Por esses caminhos, o Capital, amparado por seu poderes (incluindo as mídias, o dinheiro, o Estado) busca se realizar como fonte única da socialidade; e tenta se caracterizar como poder perene, absoluto e antidialético, não contraditórios e imutável.

c) Os efeitos da pandemia do Coronavírus afetam a economia; e isto abala a vida do Capital

Os efeitos da pandemia do COVID-19 comprometeram fortemente a saúde do trabalhador, e isso desacelerou a economia capitalista. Os órgãos de imprensa em geral divulgaram dados sobre a queda abrupta da produção industrial e comercial, o crescimento das taxas de desemprego e do trabalho informal e precarizado, o aumento do número de empresas que entraram no “vermelho”, etc. Os especialistas da área econômica e agentes internacionais (FMI, Banco

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista

DIAS, Antonio

Mundial, Organização Mundial do Comércio) projetaram recessão na economia global. Diante desses fatos, bem como do quantitativo crescente de mortos e enfermos pela COVID-19, pode-se dizer que o Capital, sim, sofreu fortes abalos.

As mazelas causadas pelo Coronavírus afetaram, sobretudo, o funcionamento pleno dos poderes e, portanto, dos objetivos do Capital. O vírus, ao atacar a saúde do trabalhador, adoeceu a economia capitalista. Esta situação obrigou o Capital a enfrentar a crise do COVID-19. Nesta direção, a burguesia recorreu ao seu poder público jurídico-legislativo-executivo: o Estado. E deste exigiu ações e verbas públicas para: abastecer caixas de bancos; emprestar dinheiro para as médias, pequenas e micro empresas; distribuição de auxílio pecuniário para pessoas que ficaram sem renda por não poderem trabalhar durante a crise. E finalmente: recursos para órgãos que cuidam da saúde pública para a montagem de estruturas para combater o vírus e tratar doentes. Decerto que todas essas medidas visavam minimizar os efeitos do não trabalho ou do trabalho parcial durante a pandemia. O fato é que, mesmo a contragosto, o Capital admitiu que a pandemia do Coronavírus representou uma ameaça aos trabalhadores e, por conseguinte, à vida do Capital.

d) O Estado deve ser macro para salvar o Capital: um adendo à tese neoliberal do Estado mínimo

O Estado tem sido convertido, historicamente, em instrumento de poder do Capital. Já a Revolução francesa (1789) tinha como uma das metas conquistar o comando do Estado para fortalecer o poder econômico-político da classe social burguesia. Esse propósito se manteve forte por todo o século XIX, na Europa. No Brasil, aqueles que estiveram no comando dos poderes (legislativo, executivo e judiciário) do Estado (membros da corte, marechais, coronéis do “café-com-leite”, generais, e civis pós 1985) dispuseram tais poderes para estruturar e potencializar os interesses do Capital. Essas práticas continuaram acontecendo durante a pandemia: em defesa do Capital o Estado foi forçado a agir como “pronto-socorro”: auxiliando financeiramente capitalistas e trabalhadores. Essas atitudes modificaram o teor da tese (neo)liberal clássica de que o Estado deve ser mínimo.

Em tempos de “normalidades”, o Estado é o poder do Capital que regula o mundo do trabalho, aprova leis que beneficiam (ao subsidiar) empresas e negócios, assina acordos comerciais, etc. Em tempos de crise, caso da pandemia do Coronavírus, o Estado deu mais uma prova do quão funciona como pronto socorro do Capital. Ele agiu assim “**depressão de 1929**” e na recente crise da “**bolha imobiliária**” nos EUA, em 2008. Nestes dois casos, o capitalismo se revelou dependente da intervenção do Estado, ferindo de morte a liberdade (comercial) que os liberais tanto proclamam. Depois de 2008, os liberais mais livres dos dogmas do liberalismo incluíram, ainda que implicitamente, um adendo à tese do Estado mínimo, a saber: a ideia de que, em situações de graves crises econômicas, o Estado deve agir como hospital do Deus-Mercado, das grandes empresas, do agronegócio, dos bancos etc. A consequência? Não há capitalismo sem a salvaguarda do Estado e seus poderes.

Essa tese foi uma vez mais comprovada em 2020, quando o Estado foi chamado a cumprir o papel de pronto-socorro do Capital, mas agora em escala mundial. A crise causada pelo Coronavírus desacelerou a produção capitalista, o comércio, o consumo. Este fato obrigou os capitalistas neoliberais a esquecerem que defendiam o Estado mínimo não-intervencionista, e passaram a exigir o Estado macro. Macro, contudo, para prestar socorro financeiro aos bancos, rentistas, empresários, donos de igrejas etc. Então, o Estado pôs seu aparato executivo, jurídico, legislativo, de saúde pública, de pesquisas etc., para intervir, afim de minorar os efeitos da

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista

DIAS, Antonio

pandemia, evitar o caos e o escancaramento das desigualdades sociais. E dessa forma resguardar a vitalidade do Capital.

Em suma: a tese de que o Estado deve ter estruturas mínimas permanece válida. Mas, agora, com um adendo mais perverso: o Estado deve ser mínimo para trabalhadores, desempregados, mães de famílias, moradores de rua; e, nas palavras e atos do ministro da economia no Brasil, Paulo Guedes, mínimo para os pobres, micro e pequenas empresas.

e) Reglobalização e desglobalização

Para sanar ou minimizar parte dos efeitos danosos causados pelos efeitos da crise da pandemia do Coronavírus, um provável caminho poderá ser experimentar novos processos econômicos de reglobalização e/ou de desglobalização.

Os abalos e fissuras causadas pelos efeitos econômicos da pandemia nas estruturas do modo de produção capitalista aparecem sob a forma de recessão econômica, retração das atividades industriais e comerciais, mas também de debilidades no atual modelo de globalização da economia. Essa última talvez devesse ser uma das principais preocupações dos capitalistas pós momento crônico da-pandemia. De fato, os processos da chamada globalização tornaram a China uma espécie de mini globo. Por motivos diversos, milhares de produtos passaram a ser fabricados em grande escala no gigante econômico asiático. E este fato tem sido o caminho para a China a se tornar, no futuro breve, o maior centro do poder econômico capitalista. Mas essa imensa acumulação de poder industrial e comercial da China evidencia um problema no modelo de globalização da economia.

Durante a pandemia da COVID-19 os países sentiram que têm uma grande dependência do **capitalismo estatal** chinês. Máscaras, aparelhos respiratórios, luvas, etc., todos esses produtos tem a China como a maior produtora. A China foi se constituiu, e foi constituída, como polo industrial do mundo capitalista no século XXI. Globalização virou sinônimo de produzir, importar ou exportar pela e para a China. Os estadunidenses, em especial, estão profundamente incomodados com esse poderio e deverão desencadear um processo que, podemos nomear, aqui, de **reglobalização** e, em alguns casos, de **desglobalização**.

Os EUA, para frear o avanço da economia chinesa, talvez julgue necessário que diversos processos de produção capitalista sejam desconcentrados da China. Isto requer a criação de novos processos de globalizar, quer dizer, uma reglobalização. E talvez haverá casos em que a nacionalização de patentes e da produção será o caminho implementado. Enfim, a verdade é que desconfiança na globalização é um visível abalo nas atuais paredes de sustentação do modo de produção capitalista. Em todo caso, é certo que os ideólogos e estrategistas da lógica e poderes do Capital atuarão para colocar no lugar da globalização uma estratégia sistêmica, em consonância com o caos administrável pelo Capital.

f) Novas formas de exploração do Trabalho

Uma notável mudança no modo de funcionamento do Capital diz respeito às mudanças no mundo capitalista do trabalho. As dificuldades que a pandemia impôs ao Capital, adoecendo e causando muitas mortes, o que impediu que os trabalhadores estivessem aptos para serem

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista

DIAS, Antonio

explorados em quaisquer circunstâncias, incomodou os capitalistas. Por isso mesmo, ainda durante a pandemia, os agentes do capitalismo elaboraram formas alternativas de trabalho que pudessem minimizar o “fique em casa”, o não-trabalho. Em verdade, muitas dessas mudanças já estavam em curso, e doravante terão sua aplicação acelerada. O denominado trabalho remoto, o home office, o teletrabalho, o trabalho online, as atividades de delivery, reuniões online com equipes de trabalho, dentre outras, certamente cresceram de modo exponencial. E mais do que isso: proporcionaram, em muitos casos, mais lucros na medida em que diminuíram os custos das empresas. Enfim: para os novos tempos, novas formas de exploração do trabalho.

g) A Natureza, quando atacada, defende-se; e, doravante, talvez de modo trágico

Sobre a relação Trabalho/Natureza, Marx (1990, p. 54) diz: “o trabalho é uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, uma eterna necessidade natural para mediar a troca material entre o homem e a Natureza e, portanto, a vida humana”.

O trabalho é um processo entre homem e Natureza, um processo em que o homem medeia, regula e controla a sua troca material com a Natureza através da sua própria ação. [...]. Ele põe em movimento as forças da Natureza que pertencem à sua corporalidade — braços e pernas, cabeça e mão — para se apropriar da matéria da Natureza numa forma utilizável para sua própria vida. Ao atuar, por este movimento, sobre a Natureza fora dele e ao transformá-la transforma simultaneamente a sua própria natureza [existência]. Desenvolve as potências nela adormecidas e submete o jogo das suas forças ao seu próprio domínio (MARX, 1990, p. 205-206).

“O trabalho”, garante Marx, “medeia” a “relação do Homem com a Natureza”, com a perspectiva final de que esta possa ser dominada por aquele. Para agirem sobre a Natureza, para dominá-la, os homens “põem em movimento” “suas forças corporais”: “braços, pernas, cabeça, mãos”. Estas “forças” permitem, em grande medida, que os homens “transformem a Natureza” do modo que lhes convém. Esta relação, porém, na medida em que é regrada pela lógica e poderes do Capital faz com que o trabalho, quer dizer, a atividade do Homem sobre a Natureza, converta-se em ação predatória, deletéria, destrutiva. O Capital promove a exploração e degradação do meio ambiente, tendo em vista o lucro, o acúmulo de riquezas.

O reaparecimento do Coronavírus, o surgimento de pandemias e outros males estariam associado aos desequilíbrios causados nos reinos animal, mineral e vegetal? Se a resposta futura a essa pergunta for “sim”, então a verdadeira causa das circunstâncias genéticas do COVID-19 seria a contínua e densa destruição, pelo capitalismo, das condições da vida humana na Terra. Parece-nos razoável pensar que o poder destrutivo do Capital é o gene do vírus da pandemia, assim como é de muitas desigualdades sociais e pobreza econômica.

h) Retorno à “normalidade” ou o nascimento do “novo normal”

A dita “anormalidade” provocada pelos efeitos do Coronavírus sobre o Capital é a vigência do não-trabalho e do trabalho parcial. A exigência emitida pelos governos, órgãos e especialistas em saúde, sob a forma do slogan “fique em casa”, impediu as condições de realização do trabalho,

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista

DIAS, Antonio

sobretudo na indústria e no comércio de bens e serviços. Angustiado com essa situação, o Capital buscou o auxílio de seus poderes, de seus ideólogos e agentes, para conseguir o retorno à normalidade. E o que isto significa? Para os capitalistas, isso quer dizer restabelecer as plenas condições da exploração do trabalho, em consonância com a lógica e os poderes do Capital. Significa fazer valer, novamente e em sua plenitude, o *modus operandi* do Capital: o exercício do necropoder. Ora, em uma ordem social e econômica dirigida pelo Capital, este é o fator determinante do *modus vivendi* dos homens: é o poder que faz com que haja muitas riquezas, para poucos, e exista muitas misérias para muitos. A normalidade, para a qual muitos anseiam voltar urgentemente, é fonte de pandemização das relações sociais, da degradação da Natureza, da exploração econômica dos homens pelos homens. Enfim, paira a suspeita de que os impulsos para voltarmos ao que era são mais fortes do que o ânimo para aproveitarmos as circunstâncias para nos contrapormos à perversa lógica e poderes do Capital.

Enfim, elencamos elementos fáticos e prováveis que ilustram que a pandemia do COVID-19 provocou abalos e fissuras no modo produção capitalista. Se esses abalos e fissuras serão suficientes para alterar a condição do Capital de seguir funcionando como lógica da vida em sociedade, isto saberemos somente com o desenvolvimento da história.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Subsidiados pelo pensamento dialético de Karl Marx, apresentamos, na forma de Ensaio, um texto que versa sobre os significados da crise do Coronavírus para a lógica do Capital. Em especial, buscamos responder se os abalos e fissuras, reais e possíveis, causadas pela pandemia do COVID-19 serão capazes de causarem danos nas estruturas da lógica e dos poderes do Capital, a ponto de comprometer sua existência como lógica da vida social. Entendemos que devemos responder negativamente a essa problemática. Acreditamos que os problemas econômicos gerados pela pandemia, ao impedir o trabalho, por exemplo, não demoverão o Capital da condição de lógica da vida em sociedade e, portanto, gestor das relações econômicas, políticas, educacionais, etc. A pandemia do Coronavírus, em que pese ter acendido sinais de alerta nos capitalistas, parece já um evento superado pela lógica e poderes do Capital.

A longevidade do Capital depende de Ele conseguir continuar sendo vivenciado como fundamento da vida em sociedade. Tendo em vista essa meta, seus defensores e agentes diligenciam para que o Capital exerça pleno comando sobre a realidade em geral; ou seja: atue como fonte de determinação dos rumos da Natureza e do mundo dos homens. Para obter êxito nesse empreendimento, a lógica do Capital precisa executar duas tarefas imprescindíveis: 1) converter-se, por meio de seus aparelhos (poderes do Estado, escola, etc.) e agentes (FMI, BM, mídia burguesa etc.) em mecanismo organizacional das relações entre os homens que vivem em sociedade; 2) apoderar-se das forças de trabalho dos homens para acionar e operar as engrenagens do modo de produção capitalista.

Ocorreu que estas duas condições sofreram abalos e/ou fissuras por causa dos impactos econômicos decorrentes da crise econômica causada pelo Coronavírus. De fato, a pandemia forçou capitalistas a aceitarem o não-trabalho, o trabalho parcial; a ficarem na condição de não poderem explorar o trabalho. Ora, se isto persistisse, a lógica e poder do Capital tenderiam a enfraquecer. Mas essa situação não perdurou. E voltamos à normalidade, isto é, à condição de outrora em que o Capital atuava livremente como poder de governo sobre o trabalho, sem ser repreendido. O Coronavírus confrontou o Capital. Entretanto, esse enfrentamento, todavia, está aquém de se configurar como ataque capaz de abalar gravemente as estruturas do Capital como lógica e poder onímodo da vida social.

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista
DIAS, Antonio

Apesar de sua natureza deletéria, o Capital tem conseguido, ao longo dos tempos, metamorfosear-se e, assim, superar as crises que o atinge. Por isso, entendemos ser correto afirmar que a mundialização do Coronavírus não terá como consequência a pandemização do que está globalizado como lógica/poder do Capital. Isto significa dizer que a produção e organização da vida em sociedade, em seus vários aspectos (políticos, culturais educacionais, e sobretudo econômicos) continuarão sendo realizadas: a) com base em fundamentos/princípios da lógica do Capital; b) por meio dos poderes que o Capital mobiliza em seu favor. Tudo indica que teremos tudo outra vez: tanto a volta à dita “normalidade” quanto o advento de um “novo normal”, em quaisquer desses casos o que prevalecerá será a defesa do domínio hegemônico da lógica e dos poderes do Capital visando preservar e potencializar as condições de exploração econômica, de opressão política e alienação intelectual e moral dos trabalhadores.

Essa nossa conclusão, contudo, não nos autoriza a negar a validade da tese de Marx de que o movimento do real é um processo material-dialético, isto é, recheado e impulsionado por contradições (BARATA-MOURA, 2012). As contradições que atacam o Capital, numa perspectiva conjuntural e histórica, caso não eliminadas, podem, sim, levar a uma situação de colapso da lógica do Capital. O futuro nos dirá.

REFERÊNCIAS

BARATA-MOURA, José. **Totalidade e Contradição: acerca da Dialética**. 2 ed. rev. e aum. Lisboa: Edições Avante, 2012.

DIAS, Antonio. **A “educação para todos” como perspectiva de superação do capital como lógica social: análise com base no pensamento dialético de Marx**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pelotas: 2016, 274 f.

CHAGAS, Eduardo. **A comunidade ilusória: a teoria do Estado no jovem Marx**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1998.

FLICKINGER, Hans-George. **Marx e Hegel: o porão de uma filosofia social**. Porto Alegre: L&PM: CNPQ, 1986.

MARX, Karl. “Trabalho assalariado e Capital”. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas: em três tomos (v. 1)**. Tradução: José Barata-Moura e Álvaro Pina. Lisboa: Edições Avante: Moscou: Edições Progresso, 1982.

MARX, Karl. “Para a Crítica da Economia Política – Prefácio”. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas: em três tomos (v. 1)**. Tradução: Álvaro Pina. Lisboa: Edições Avante: Moscou: Edições Progresso, 1982b.

MARX, Karl. **Capítulo VI inédito de O Capital: resultados dos processos de produção imediata**. São Paulo: Moraes, 1985.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política (Livro primeiro: o processo de produção do Capital, tomo I)**. Tradução José Barata-Moura *et. al.* Lisboa: Edições Avante: Moscou: Progresso Editorial, 1990.

Impactos da Pandemia COVID-19 sobre o mundo (capitalista) do trabalho: um olhar marxista
DIAS, Antonio

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política (Livro primeiro: o processo de produção do Capital, tomo II). Tradução José Barata-Moura *et. al.* Lisboa: Edições Avante, 1992.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 1998.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857**: esboço da crítica da economia política. Tradução Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, István. **O Desafio e fardo do tempo histórico**. Tradução Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. **Para além do Capital**: rumo a uma teoria da transição. Tradução Paulo C. Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011.

OLIVEIRA, Avelino da R. **Marx e a exclusão**. Pelotas: Seiva, 2004.